

# ALEMANHA: OUTRO SIM A MAÍLSON.

Os alemães dizem confiar em nossa política econômica. E prometem participar do empréstimo-ponte de US\$ 500 milhões.

Seguindo o exemplo dos Estados Unidos e França na terça-feira, ontem foi a vez da Alemanha Ocidental anunciar que também participará do empréstimo-ponte de US\$ 500 milhões solicitado pelo Brasil ao Banco para Compensações Internacionais (BIS, espécie de Banco Central dos Bancos Centrais dos países mais industrializados). Foi o que revelou em Bonn o ministro da Fazenda, Maílson da Nóbrega, após reunir-se ontem cedo com o vice-ministro alemão das Finanças, Hans Tietmeyer, naquela capital, antes de seguir à tarde para Frankfurt, onde se encontrou com o presidente do Bundesbank (Banco Central) da Alemanha, Karl Otto Poehl. Maílson, entretanto, disse ignorar o nível de participação da Alemanha Ocidental nesse crédito-ponte necessário ao fortalecimento das reservas brasileiras até que o Fundo Monetário Internacional (FMI) conceda um empréstimo stand-by no valor de US\$ 1,5 bilhão para pagamento de juros vencidos da dívida externa. As escalas em Bonn e Frankfurt fazem parte das viagens que o ministro realiza há duas semanas para contatos de alto nível no Japão, França, Grã-Bretanha, Alemanha, Itália e EUA antes das conversações com o Clube de Paris sobre a renegociação dos US\$ 18 bilhões devidos pelo Brasil aos países credores.

Segundo nosso correspondente em Paris, Reali Júnior, que entrevistou Maílson por telefone, em Bonn o apoio das autoridades financeiras alemãs ao reescalonamento da dívida brasileira junto ao Clube de Paris (que reúne os 14 países mais ricos do mundo capitalista) foi mais discreto que o manifestado na terça-feira pelo governo da França. Mas isso se deve ao fato de Hans Tietmeyer estar apenas interinamente no cargo, pois o titular encontra-se em férias.

Já em Frankfurt, onde se avistou com o presidente do Bundesbank, Karl Otto Poehl, e com os banqueiros num jantar oferecido pelo presidente do Deutsche Bank, H. Hausen, o ministro brasileiro recolheu uma impressão favorável em relação à evolução da economia brasileira. O presidente do Bundesbank, segundo Maílson, julgou perverso o fato de países como o Brasil terem se tornado exportadores de capitais, afirmando que é preciso reverter essa situação. Ele está convencido de que não há solução para o problema da dívida sem a manutenção do crescimento dos países endividados da América Latina. Além disso, o presidente do Banco Central alemão, ainda segundo Maílson, manifestou o interesse de seu país em relação ao Brasil, tendo citado como exemplo São Paulo, que considera "a maior cidade industrial alemã", por concentrar o maior número de empre-

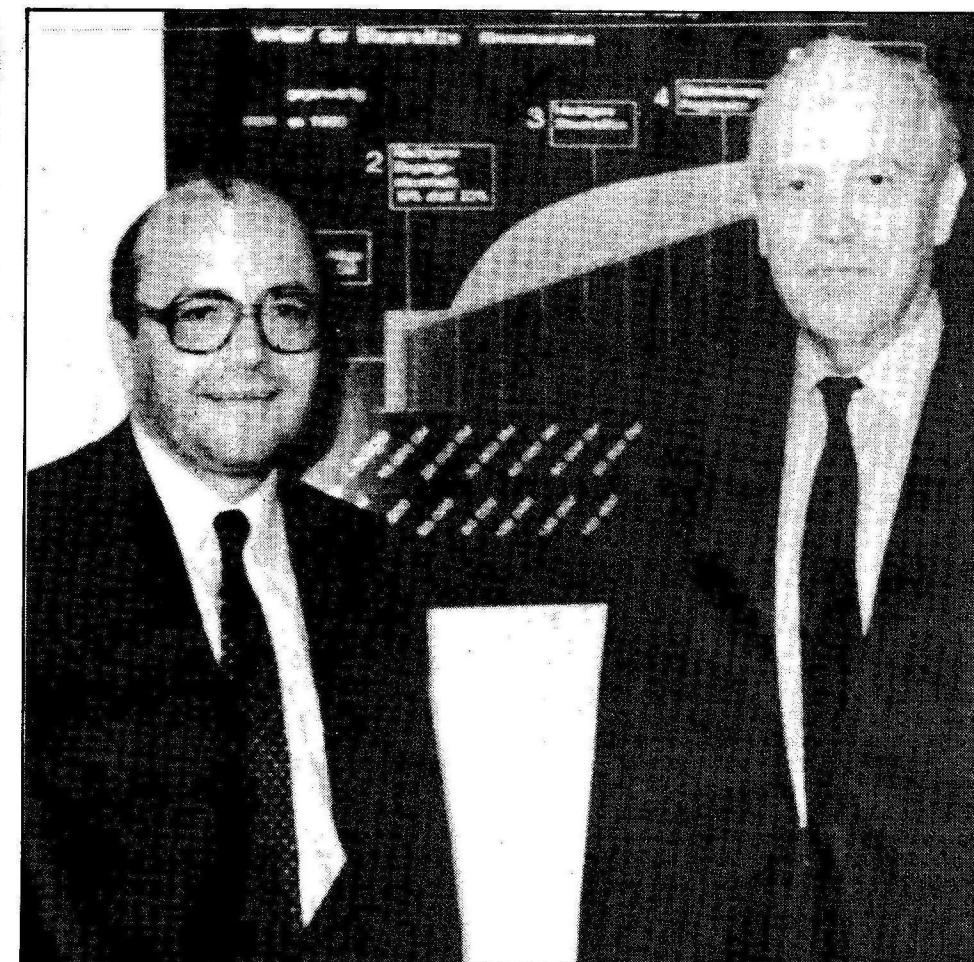
sas alemãs do que qualquer outra parte do mundo.

Por outro lado, apesar do sigilo das autoridades brasileiras, que até ontem insistiam em não revelar os principais pontos da estratégia de renegociação da dívida com o Clube de Paris, sabe-se que o objetivo do Brasil é de reescalonar US\$ 5,5 bilhões de sua dívida de quase US\$ 18 bilhões junto ao Clube, num prazo que vai de 1º de janeiro a 30 de junho de 1990.

De qualquer forma, além das adesões dos governos dos EUA, França e Alemanha, a recente passagem de Maílson pela França deixou mais um saldo positivo: Jean Maxime Lévéque, um dos maiores críticos da área bancária privada à política econômica brasileira e presidente do poderoso "Crédit Lyonnais", acabou de se converter à causa de Brasília. E está conclamando

os bancos europeus, pequenos, médios e grandes, a aderirem ao acordo firmado em junho, em Nova York, com o Comitê dos Bancos. "O Brasil é um dos maiores mercados do mundo. É um país que nenhuma empresa multinacional pode negligenciar. Parece-me essencial para o futuro desse país que a comunidade bancária internacional continue a trabalhar a seu lado. A volta da confiança permite prever, a prazo, uma retomada do fluxo normal de capitais em direção ao Brasil", disse o banqueiro francês.

Ainda ontem o Brasil pagou em Washington US\$ 3,28 milhões que devia de sua contribuição regular à Organização dos Estados Americanos (OEA), atualmente em crise financeira. Os Estados Unidos, principal contribuinte do órgão, devem US\$ 41,3 milhões.



Maílson, em Bonn, com Hans Tietmeyer.